

Uma revisão da literatura sobre oncologia pediátrica: demandas psicológicas do paciente, família e equipe

A literature review on pediatric oncology: psychological demands of the patient, family and staff

André Henrique Oliveira da Silva¹
Lucas Gardenal Fani²
Marcela Umeno Koeke Bearare³

RESUMO

O diagnóstico de câncer traz muita dor à criança adoecida e sua família, assim como a equipe de saúde que a acompanha, necessitando assim de intervenções psicológicas como a escuta qualificada, para uma melhor adequação da situação imposta pelo adoecimento. O presente estudo visou mostrar, através de uma revisão da literatura, as demandas psicológicas que o paciente, família e a equipe apresentam diante do tratamento da criança com câncer, bem como o papel do psicólogo na resolução dessas demandas. A seleção dos 15 artigos foi a partir de critérios de inclusão e exclusão que foram previamente estabelecidos pelos autores. Sendo assim, este estudo concluiu que é de suma importância que o tratamento integre a tríade (paciente, família e equipe) visto que após esse tratamento conjunto o paciente consegue lidar melhor com a doença, a família compreende melhor o processo de adoecimento aliviando suas frustrações ao decorrer do tratamento e a equipe elabora as próprias questões psicológicas que surgem ao atender um paciente e sua família, fazendo com que seu trabalho seja mais eficaz.

Palavras-Chave: Câncer Infantil, Oncologia Pediátrica, Psicologia Hospitalar, Psico-Oncologia

ABSTRACT

The cancer diagnostic brings a lot of pain to the diseased child and his or her family, as well as the healthcare staff who accompany the child, thus requiring psychological intervention as the qualified listening, for a better adequacy of the situation imposed by the illness. The current research aims at showing through a literature review the psychological demands that the patient, family and the staff present in front of the treatment of the child with cancer, as well as the position of the psychologist in the resolution of these demands. The selection of the 15 articles was based on inclusion and exclusion criteria that were previously established by the authors. Therefore this research concluded that it is of paramount importance that the treatment includes the triad (patient, family and staff) since after this conjoint treatment the patient can handle better with the disease, the family can understand better the illness process relieving their disappointments in the long run of the treatment, and the staff draw up the proper psychological issues that arises when answering a patient and the patient's family, thus causing their job being more efficient.

Keywords: Childhood Cancer, Hospital Psychology, Pediatric Oncology, Psycho-Oncology

¹ Acadêmico do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

² Acadêmico do 10º termo do curso de Psicologia no Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

³ Psicóloga Graduada no curso de Psicologia pela PUC – Campinas, Mestre em Análise do Comportamento pela PUC – SP, Especialista em Terapia Comportamental, Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium de Araçatuba-SP.

Introdução

O câncer é a denominação dada a um grupo contendo muitas doenças, que têm como suas semelhanças o crescimento sem controle de células, as quais ocupam tecidos e órgãos. No Brasil, o câncer já se configura como a primeira causa de morte (8% do total) por doença entre crianças e adolescentes entre as idades de 1 a 19 anos. Nas últimas quatro décadas, tem havido um progresso extremamente relevante no tratamento do câncer na infância e na adolescência. Cerca de 80% das crianças e adolescentes afetados por essa doença podem ser curados, se forem diagnosticados precocemente e tratados em centros especializados. De acordo com o Atlas de Mortalidade por câncer, a maioria deles terá boa qualidade de vida após o tratamento adequado (BRASIL, 2018).

O diagnóstico de um câncer traz o medo da dor, do sofrimento, e insegurança em relação ao futuro devido ao risco de morte que essa doença traz consigo. A criança e seus familiares compartilham todos esses medos; outro ponto é de suas vidas e rotinas serem totalmente transformadas com a descoberta desta doença. Cada criança e cada família reage de formas diferentes, tudo dependerá, entre muitos fatores, não só do estágio em que a doença está, como da situação em que cada um dos sujeitos envolvidos se encontra emocionalmente (CARDOSO, 2007).

A infância é uma fase extremamente importante na vida de qualquer pessoa. É nesta fase que o indivíduo constrói sua relação com o mundo externo e consigo mesmo, estruturando assim sua personalidade, a qual vai ser a base para todas as suas experiências futuras, sejam elas positivas ou negativas, partindo das relações familiares e sociais se tornando uma experiência única. O câncer em si é algo negativo e inesperado podendo trazer sequelas físicas e psicológicas na criança (CARDOSO, 2007).

Com o diagnóstico do câncer confirmado, é de suma necessidade que se inicie um longo tratamento, o qual irá durar um grande intervalo de tempo, que possivelmente será marcado por procedimentos invasivos, internações e idas frequentes ao hospital (ALCÂNTARA, 2013).

De acordo com Simonetti (2004), a psicologia hospitalar é o campo de atuação do psicólogo que foca seu atendimento e tratamento nos aspectos

psicológicos e psicossociais relacionados ao adoecimento, tendo como por seu objetivo ajudar o paciente e sua família a fazer uma reflexão sobre a experiência do fenômeno de estar adoecida.

Além disso, é de extrema importância que todos os profissionais de saúde tenham conhecimento sob todos os aspectos e as esferas subjetivas que envolvem esta enfermidade, levando em conta a história de vida da família, fazendo com que o tratamento seja o mais humano possível (CARDOSO, 2007).

Segundo Santos & Santos (2015), pode-se afirmar que é muito relevante voltar a atenção para os problemas decorrentes do desgaste emocional que o profissional que está inserido na oncopediatria está sujeito em seu ambiente de trabalho. Porém os autores afirmam que não existem muitos estudos na área, dessa maneira, pouco se sabe sobre como está o nível de conhecimento produzido nesse âmbito. Tem-se o entre estresse e *burnout* como as principais ocorrências entre estes profissionais.

O presente estudo teve como objetivo compreender através de uma revisão da literatura, as demandas psicológicas que o paciente, seus familiares e a equipe apresentam, estando inseridos na oncologia pediátrica.

Material e Método

O presente artigo consiste em uma revisão da literatura, considerada parte crucial do processo de investigação. Consiste em analisar, localizar, sintetizar e interpretar a bibliografia relativa com a sua área de estudo referentes a trabalhos já publicados acerca do tema. Desse modo, a revisão de literatura é imprescindível não apenas para definir o problema, mas além disso, para se obter uma ideia do atual estado do conhecimento sobre determinado tema, juntamente com suas lacunas e contribuir no desenvolvimento do conhecimento (BENTO, 2012). Este estudo em questão aborda trabalhos publicados sobre a atuação do psicólogo hospitalar, em relação às demandas presentes na oncologia pediátrica, contemplando a tríade: paciente, família e equipe. A coleta de dados foi realizada nas bases eletrônicas de dados: Descritores em Ciência da Saúde (DeCS), Scientific Electronic Library Online (SCIELO), Google Acadêmico e Periódicos Eletrônicos em Psicologia (Pepsic). Para realizar as buscas foram realizadas estratégias em cada base de dados, com os

seguintes descritores: câncer infantil, oncologia pediátrica, psicologia hospitalar, psico-oncologia. Utilizando o modo avançado de busca, uma ou mais palavras, "AND/OR" para títulos, resumos e assuntos. Nesta fase foram encontrados 44 artigos para os descritores selecionados. Como critério de inclusão foram considerados artigos em português publicados no período de 2009 a 2019, tendo também como tema principal a atuação do psicólogo frente às demandas na oncologia pediátrica. Após a leitura minuciosa de cada um dos artigos, a utilização do ano de publicação, idioma e o tema principal, selecionados como critérios de inclusão/exclusão, excluindo também as duplicações encontradas, reduziu-se para o número total de 15 artigos.

Resultados e Discussão

A seguir estarão apresentados os resultados deste estudo, para o qual foram desenvolvidas duas categorias durante a análise dos artigos encontrados, sendo elas: 1. Paciente e Família e 2. Paciente, Família e Equipe. Na categoria 1, foram selecionados artigos científicos, que exploraram a relação do paciente com sua família durante o processo de adoecimento pelo câncer, desde o diagnóstico até o tratamento da doença. Na categoria 2, foram selecionados artigos científicos, que exploraram a relação da tríade (Paciente, família e equipe) descrevendo as relações entre todos os envolvidos, desde o paciente adoecido pelo câncer, percorrendo a família que lhe dá suporte e a equipe que realiza o tratamento da doença em questão.

Paciente e Família

Os artigos selecionados nesta categoria buscaram mostrar a importância das intervenções psicológicas relacionadas ao sofrimento emocional da criança com câncer e de sua família, além de prepará-los para exames invasivos que serão necessários durante a hospitalização da criança acometida pelo câncer, como parte das intervenções também estão os processos psicoeducativos realizados com a família e o paciente, que ajudam a prepará-los nessa etapa. Os estudos descrevem as demandas psicológicas que as crianças com câncer apresentam, bem como estratégias para enfrentar a doença junto ao trabalho do profissional de psicologia. Nessa categoria foram encontrados 9 artigos (Mensorio, Kohlsdorf & Costa Junior,

2009; Castro, 2010; Boaventura & Araújo, 2012; Alcântara et al., 2013; Domingues et al., 2013; Hostert, Motta & Enumo, 2015; Caprini & Motta, 2017; Silva Santos, Yamamoto & Custódio 2017; Caires et al., 2018).

Quadro 1 – Artigos selecionados para a categoria paciente e família. Ano de publicação: 2009 a 2018.

Autor(s), Ano	Objetivo	Conclusão
Mensorio; Kohlsdorf & Costa Junior (2009)	Analisar e investigar mudanças em estratégias de enfrentamento utilizadas por 30 cuidadores ao longo do semestre inicial de tratamento para leucemia de crianças e adolescentes.	Os resultados obtidos no estudo reforçaram a necessidade de treinamento para equipes multidisciplinares de saúde, no sentido de instaurar um modelo efetivamente biopsicossocial de prevenção a doenças e promoção de saúde em que diversas abordagens possam contribuir para a diminuição de riscos e aumento da qualidade de vida de familiares de pacientes pediátricos.
Castro (2010)	Compreender os impactos gerados no aspecto emocional e social de mães de crianças com diagnóstico de câncer, utilizando o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia, sendo sua análise fundamentada a partir do pensamento de Martin Heidegger.	O estudo concluiu que o cuidado é vivenciado no sentido de pensar o ser; no cuidado com as coisas; no referente à própria existência; no cuidado com o outro. Assim, é manifestado nos discursos das mães como solicitude, zelo, atenção e bom trato, apresentando-se com significado de corresponsabilidade pelo destino do outro. Também, se enfatizou a necessidade de novos estudos na área.
Boaventura & Araujo (2012)	Analisar e investigar a experiência de sobrevivência ao câncer durante a fase da infância, enfatizando as percepções da criança com a experiência familiar e avaliando o Transtorno de Estresse Pós-traumático, para tanto, 15 crianças participaram do estudo.	Foram identificadas taxas moderadas de diagnóstico parcial e total de TEPT. Além disso, as taxas de sintomas de estresse pós-traumático também foram baixas, contudo, é preciso prudência na interpretação destes dados, em razão do tamanho limitado da amostra investigada.
Alcântara et al. (2013)	Analisar o perfil e identificar as demandas psicológicas de pacientes que realizaram procedimentos invasivos em oncologia pediátrica e seus acompanhantes. A partir disso, realizar intervenções lúdicas com o paciente e sua família.	Foi constatado através da pesquisa que a maioria das crianças adoecidas pelo câncer se encontrava na faixa etária de 3 a 6 anos de idade e entre seus acompanhantes, a maioria era mães entre 19 e 40 anos de idade. As intervenções realizadas pela equipe de psicologia foram, em sua maioria, lúdicas, seguidas da escuta psicológica e de orientação psicoeducativa, proporcionando melhor compreensão das condições inerentes ao câncer.
Domingues et al. (2013)	O artigo de revisão bibliográfica teve como objetivo compreender como o psicólogo pode ajudar o paciente terminal e seus familiares a elaborar os	A pesquisa demonstrou que o psicólogo desempenha papel fundamental no amparo àqueles que se encontram numa situação de perda importante em suas

	sentimentos decorrentes dessa situação limite.	vidas, bem como vivem a expectativa de um luto próximo e inevitável.
Hostert; Motta & Enumo (2015)	Demonstrar estratégias psicológicas de enfrentamento, utilizadas por profissionais da psicologia em crianças com câncer, com o objetivo de que a criança tenha uma melhor adaptação a hospitalização e as limitações que este ambiente pode trazer.	Este estudo trouxe a discussão da Classe Hospitalar sob a visão da Psicologia e revelou a importância atribuída pelas crianças a estarem incluídas no contexto escolar, o que faz parte da política pública de Educação Especial. Assim, pretendeu-se contribuir com os profissionais que lidam com essas crianças, na área da saúde ou educação, fornecendo-lhes informações relevantes para a construção de sua prática profissional.
Caprini & Motta (2017)	Demonstrar o impacto psicossocial tanto para o paciente diagnosticado com câncer, quanto para sua família. Foi desenvolvido através de uma pesquisa de campo, analisando estatisticamente dados sociodemográficos e clínicos, que foram obtidos por meio de consultas em prontuários.	Na pesquisa reforçaram o foco nas condições psicológicas e psicossociais da criança adoecida pelo câncer, assim como de sua família, para que sejam o foco das avaliações no período do diagnóstico. Sendo assim, torna-se possível o estabelecimento de propostas de intervenção, com a finalidade de assegurar um desenvolvimento mais saudável possível, apesar de todo infortúnio gerado pelo câncer.
Silva Santos, Yamamoto & Custódio(2017)	Ao demonstrar um conjunto de aspectos teóricos relacionados ao processo de luto e da vivência do luto antecipatório, teve como objetivo apontar algumas questões relativas tanto ao processo de luto como suas fases e características	Neste estudo definiram que o luto é um processo que todos os indivíduos passam em algum momento de sua vida, de qualquer pessoa com alguma importância sentimental, por isso é importante que o processo seja vivenciado por completo.
Caires et al. (2018)	Escutar as percepções dos profissionais de oncologia pediátrica quanto às principais dificuldades vividas pelas crianças/adolescentes com doença oncológica durante a recidiva da doença.	A pesquisa concluiu que em futuros estudos nesta área devem auscultar de modo direto o repertório experiencial destas crianças e adolescentes durante a recidiva e triangulá-lo com o olhar dos seus cuidadores formais e informais, em particular o dos profissionais e o dos seus pais.

Entende-se que, uma criança acometida pelo câncer, no momento de seu diagnóstico, existe a procura pela adaptação a um contexto muito impactante que é estar adoecido. Portanto é de suma importância levar em consideração os possíveis estressores que a criança e sua família estão submetidos e que irão permanecer sobre eles durante um grande período de tempo, podendo assim causar um desequilíbrio entre as estratégias de enfrentamento positivas e negativas, podendo assim aumentar os riscos psicossociais que estão submetidos no processo do adoecimento (CAPRINI; MOTTA, 2017).

Deve-se proporcionar à família do paciente a experiência e adaptação na busca de estratégias de enfrentamento. Essa atuação se mantém como uma forma simples e satisfatória, mantendo a participação efetiva do profissional de psicologia no tratamento, enriquecendo assim o processo de desenvolvimento da família e do paciente ao longo do tratamento (MENSORIO; KOHLSDORF & COSTA JUNIOR, 2009).

Boaventura; Araújo (2012) discorrem que os familiares transmitem suas angústias para o paciente, em grande parte a família dá para a criança adoecida presentes, como alimentos especiais, brinquedos e atenção, procurando assim compensar todas as restrições impostas à criança.

Ter um filho, uma criança ou adolescente adoecido pelo câncer, é estar vivenciando muitas transformações em vários sentidos da vida. Como o deslocamento das cidades de origem, residindo basicamente em um hospital, alteram muito a dinâmica familiar. Sendo assim, as famílias são arremessadas em local desconhecido, em que vão estabelecer possíveis relações com outras famílias no mesmo contexto, o que antes era vivenciado como sofrimento individual, passa a ser enxergado como sofrimento coletivo, e o simples conviver proporciona experiências, solidariedade e apoio em toda a sua complexidade (CASTRO, 2010).

Como aponta Alcântara et al. (2013) muitas orientações devem ser seguidas com rigor por parte da família, sendo a maioria delas relacionadas a uma alimentação específica e higienização adequada do corpo. Sendo assim indispensável que a família e o paciente sejam devidamente informados e orientados sobre o funcionamento de todos os possíveis procedimentos que poderão ser utilizados durante o tratamento do câncer, e as suas devidas finalidades, para que os mesmos compreendam a importância de tais procedimentos e colaborarem com o tratamento a ser realizado.

Apesar de muitos avanços científicos na área da oncologia pediátrica nos últimos anos, nem sempre os tratamentos oncológicos tem um efeito positivo ou esperado. Em alguns casos mesmo o tratamento inicialmente tendo sucesso, o câncer pode reaparecer. Quanto ao impacto psicossocial que esta fase da doença de recidiva, tem tanto no paciente quanto na família são poucas as evidências científicas existentes, as mesmas não são favoráveis (CAIRES et al. 2018).

No atendimento de pessoas com alguma enfermidade associada a um alto risco de morte, tal como câncer, as funções do psicólogo devem ser: ajudar a pessoa a se adaptar aos seus limites, às mudanças impostas pela doença e sobre adesão ao tratamento; auxiliar no controle da dor e do estresse associados à enfermidade e aos procedimentos necessários para tratá-la ou aliviar parte da dor fisiológica; auxiliar ainda na tomada de decisões; preparar o paciente para procedimentos invasivos provavelmente dolorosos, e, enfrentamento de possíveis consequências dos mesmos; gerar uma possível melhoria na qualidade de vida; auxiliar a aquisição de novas habilidades ou retomada de habilidades já existentes antes da doença (DOMINGUES, 2013).

Uma grande estratégia de enfrentamento são as intervenções lúdicas, assim como as psicoeducativas que são fundamentais para o processo, para que assim a criança possa compreender o processo de adoecimento pelo qual está passando. O brinquedo é um instrumento de suma importância em relação ao desenvolvimento infantil, uma vez em que promove a imaginação e criatividade da criança, além de poder possibilitar a elaboração, reprodução e as vivências de diversas situações de seu dia a dia. A partir da intervenção lúdica a criança pode expressar sentimentos, tanto agradáveis quanto desagradáveis, além de poder entender como funciona a rotina do hospital, tal como os procedimentos em que será submetida, proporcionando possivelmente uma melhor adesão ao tratamento. Além disso, as atividades lúdicas promovem também a criação de vínculo entre os profissionais e a criança hospitalizada (ALCÂNTARA et al. 2013).

O comportamento de estudar também é levado como estratégia, não somente de distração, mas de regulação emocional, soluções de problemas e reestruturações cognitivas, assim como a esquivas do estressor. Esse fato mostra que o contexto hospitalar, promovendo o comportamento de estudar, pode certamente auxiliar e acrescentar para o aumento do repertório de enfrentamento das crianças hospitalizadas, assim como outras estratégias lúdicas (HOSTERT, MOTTA, ENUMO, 2015).

O câncer, como é uma doença crônica, é muitas vezes imprevisível, podendo delinear o caminho onde não existem tratamentos para tal, somente restando os cuidados paliativos, ocorrendo assim o luto antecipatório, esse tipo de luto envolve

a família e os conhecidos mais próximos ao paciente buscando assim uma possibilidade de enfrentar a realidade da morte e aceitá-la, gerando assim mecanismos emocionais de enfrentamento para o luto que está por vir. Se tratando do processo de luto em geral, este deve ser vivenciado em todas as suas fases, para que o enlutado elabore a perda e transforme sua vida sem aquela pessoa que foi perdida (SILVA SANTOS, YAMAMOTO; CUSTÓDIO, 2017).

Paciente, Família e Equipe

Os artigos selecionados nesta categoria discutiram sobre o paciente, a criança acometida pelo câncer, sua família e a equipe multidisciplinar, demonstrando os impactos emocionais, psicossociais e a relação da família com a criança portadora da doença, e como o trabalho da psicologia pode contribuir para o enfrentamento dessas demandas. Nessa categoria foram encontrados 6 artigos: (Froelich, 2011; Gurgel & Lage, 2013; Pazzinato; Piazza; Ambros, 2014; Guimarães & Araújo, 2014; Santos & Santos, 2015; Nascimento & Leão-Machado, 2017).

Quadro 2 – Artigos selecionados para a categoria paciente, família e equipe. Ano de publicação: 2011 a 2017.

Autor(s), Ano	Objetivo	Conclusão
Froelich (2011)	Discutir a relação mantida entre um diagnóstico de câncer em crianças e a ideia que surge na maioria dos casos, que é a terminalidade da vida. Mostrar a importância de um espaço de acolhimento, nos quais os familiares, pacientes e os profissionais da equipe possam questionar e esclarecer dúvidas, além de compartilhar suas angústias, temores, culpas, experiências com outras pessoas que se encontram na mesma situação.	Os dados analisados mostram que o fato de o filho estar adoecido desencadeia reações emocionais de maneira intensa, e que isso requer acompanhamento psicológico sistemático para auxiliar os pais a trabalharem a ansiedade em que se encontram. Destaca-se práticas de intervenção que dão suporte a família, orientação para a equipe e qualidade de vida ao paciente.
Gurgel & Lage (2013)	Esta pesquisa bibliográfica buscou descrever a atuação do psicólogo hospitalar, mediando de forma individual ou grupal da tríade: Paciente, Família e Equipe.	A atuação da psico-oncologia foca-se no apoio. Essas ações podem ser realizadas a nível individual ou grupal. Dentro do hospital, o profissional de psicologia pode,

		utilizando da escuta qualificada, identificar demandas para o atendimento psicológico.
Pazzinato; Piazza; Ambros (2014)	Auxiliar no aprendizado dos profissionais de psicologia para atuação da problemática do câncer infantil, procurando oferecer suporte para os envolvidos na situação da doença, e utilizando do apoio psicológico para que essas pessoas enfrentem o tratamento e suas demandas.	O estudo evidenciou o impacto que causa o câncer infantil em todas as pessoas envolvidas na doença. As reações emocionais justificam a fragilidade e dificuldade dos familiares no enfrentamento da doença. Visto como uma possível ameaça de morte, o câncer é um processo longo e desgastante, envolvendo mudanças no âmbito familiar e socialmente. O profissional de psicologia deve entrar como membro de uma equipe multidisciplinar, trabalhando tanto com os conflitos que o paciente traz, quanto o de seus pais. O trabalho foi desenvolvido durante as internações, variando o tempo e quantidade de intervenções.
Guimaraes & Araújo (2014)	A pesquisa teve como objetivo, através da aplicação de uma intervenção psicoeducativa, analisar e compreender a percepção do paciente, seja criança ou adolescente e de sua família, avaliando assim os benefícios e quais seriam os limites para essa intervenção.	A pesquisa confirmou a necessidade de planejamento e aplicação de intervenções psicoeducativas destinadas aos familiares de pacientes com câncer, no intuito de prevenir enfermidades associadas a esta condição clínica e promover saúde.
Santos & Santos (2015)	Descrever o fenômeno do burnout no contexto da oncologia pediátrica, e a necessidade de que seja realizada uma ampliação de pesquisas que abordem as relações entre o estresse ocupacional e os aspectos psicossociais, levando em consideração aos fatores que permeiam a convivência dos profissionais que fazem o acompanhamento da criança com câncer.	Os resultados apontaram para uma produção científica restrita na área. Houve predominância de estudos voltados à identificação de estressores. Enfermeiros constituíram a população mais frequentemente investigada.
Nascimento & Leão-	Destacar o papel do profissional de psicologia, bem como sua importância dentro do espaço da psico-oncologia	O presente trabalho concluiu que a presença do profissional da

Machado
(2017)

pediátrica, com a finalidade de identificar os desafios a serem superados dentro da psicologia hospitalar.

psicologia é de extrema importância no âmbito hospitalar, visto que sua prática com o paciente deve se estender para sua família e a equipe responsável pelo tratamento.

De acordo com Gurgel; Lage (2013), com relação ao paciente, o psicólogo tem o dever de conhecer a criança adoecida, sua família e também principalmente como era sua vida antes do adoecimento. Para que o diálogo se torne mais compreensível, o psicólogo necessita ter conhecimento sobre qual o tipo de câncer que o paciente tem e também sobre o tratamento que a criança irá enfrentar, podendo ser durante um período de tempo possivelmente grande. Contudo, estará apto a responder dúvidas e a aliviar a ansiedade tanto do paciente quanto de sua família, pois em muitos casos, o paciente e sua família acabam por não perguntar aos médicos sobre a doença e o tratamento, ficando muitas vezes com dúvidas, o psicólogo então pode atuar no esclarecimento dessas dúvidas acerca dessa enfermidade. Também podem oferecer atendimento nos leitos quando necessário, através da escuta qualificada acolher as angústias e identificar qualquer outra demanda possível durante o acompanhamento com a criança acometida pelo câncer.

É preciso que desde o começo do diagnóstico assim como do tratamento, seja reconhecido um membro da família mais próximo, essa pessoa é chamada de cuidador. Essa denominação é requerida para que a equipe possa ter uma boa comunicação e conseguir assim planejar intervenções que possam ter efeitos positivos durante o tratamento. Em sua grande maioria, o cuidador é uma pessoa da família e geralmente são mulheres (GURGEL; LAGE, 2013).

O intervalo de tempo entre o diagnóstico e o começo do tratamento geralmente é curto, assim os pais ou responsáveis precisam tomar decisões muito importantes em relação ao tratamento de seu filho. Essas decisões são sobre os tratamentos com grande período de tempo, invasivos e com possíveis efeitos colaterais muito desagradáveis, que além de limitar muitas atividades da criança, em alguns casos, podem desencadear em mutilações. Além desse fato, o câncer infantil é permeado por incertezas e pelo risco de vida (GURGEL; LAGE, 2013).

Em relação à necessidade de ofertar para a família do paciente programas de intervenções, estes oferecem suporte, orientação, reuniões familiares, podendo gerar troca de experiências entre as famílias de crianças que estiveram acometidas pela doença, quando necessário também pode-se estabelecer atendimento individual. Quando são esgotadas as possibilidades de tratamento e conseqüente agravamento do quadro clínico do paciente, passa-se a complexidade dos cuidados paliativos (FROELICH, 2011).

Gurgel; Lage (2013) salientam que o psicólogo também deve prover suporte emocional para a família poder desenvolver capacidades psicológicas de lidar com a situação da melhor forma possível. Depois da confirmação do diagnóstico, o medo que circula a família se concretiza, o que traz muitas alterações em seu cotidiano. Por isso, um grupo terapêutico com esses familiares é bastante indicado para que essas pessoas tenham a possibilidade de colocarem suas emoções e compartilhem sentimentos, vivências com outras pessoas que estão vivenciando a mesma situação. Além de grupos, existe também a possibilidade de atendimentos individuais, estes são indicados para os familiares que estão em momento de muita dor ou que demonstrem uma dificuldade de aceitação em relação a situação em geral.

Em aspectos generalistas é possível afirmar que na atuação realizada por uma equipe multiprofissional deve se incluir um profissional de psicologia que viabilize uma descrição mais adequada do tratamento, facilitando assim desde a primeira etapa do diagnóstico, ultrapassando os estágios do tratamento e realizando um acompanhamento regular com o paciente e sua família. Até mesmo nos casos sem perspectiva de sucesso no tratamento, as intervenções psicológicas são extremamente necessárias, promovendo a qualidade de vida daquele paciente, pelo menos reduzindo seu sofrimento, além de sua família, elaborando o processo de luto, e também trabalhar a frustração da equipe de saúde que se dedicou a atender aquela criança ou adolescente (FROELICH,2011).

De acordo com Guimarães; Araújo (2014) no contexto da oncologia, as intervenções psicoeducativas realizadas pelo profissional de psicologia tem como objetivo, manejar adequadamente o estresse gerado pelo contexto em que as pessoas estão situadas e também para o desenvolvimento pessoal do público alvo.

Pazzinatto, Piazza; Ambros (2014) discutem que em alguns casos observa-se que a família do paciente se frustra por se depararem com uma doença que os incapacita de fazer algo pelo mesmo, pois até então eles conseguiam suprir suas necessidades e cuidados necessários, com essa experiência a família reconstrói seus papéis em um processo maior de interação e afetividade com o paciente. Devido a esse movimento a família apega-se muito a equipe que cuida de seu ente querido, depositando assim suas esperanças, em muitos momentos precisando também do acolhimento e da escuta especializada para conseguirem lidar com essas situações.

Para Nascimento; Leão-Machado (2017) a presença de um profissional de psicologia na área da oncologia é de grande importância em relação ao âmbito hospitalar. As intervenções psicológicas são realizadas desde o primeiro momento que é a admissão hospitalar, com um enfoque na promoção da saúde tanto física quanto emocional do paciente e de sua família.

A complexa atuação dos profissionais envolvidos no contexto hospitalar requer um intenso acompanhamento e acolhimento emocional, o que por muitas vezes gera um desgaste emocional para os profissionais que o exercem, tanto que um documento da Sociedade Internacional de Oncologia Pediátrica (SIOP) prenuncia diversas orientações para que se previna o fenômeno do burnout, contemplando assim perspectivas tanto do contexto propriamente da sua atuação de trabalho quanto fora a ele (SANTOS; SANTOS, 2015).

Conclusão

Concluiu-se por meio desta revisão da literatura que a criança que se encontra adoecida pelo câncer, tem sua rotina afetada visto que passa boa parte do tempo em hospitais para os tratamentos e possíveis exames invasivos. A condição psicossocial da criança com câncer, também é afetada, tendo sua autoestima abalada, pois seu corpo muda durante o processo de tratamento, ocorrendo alterações também em suas atividades diárias e algumas vezes no seu círculo social. Por isso é imprescindível que haja acompanhamento psicológico para suprir as necessidades da criança. Os familiares também possuem questões que precisam ser trabalhadas, pelo fato de que uma criança com câncer muda a dinâmica familiar e muitas vezes a família não sabe como proceder diante dessa situação, que gera

dúvidas, angústias e medo. A equipe que cuida da criança adoecida pelo câncer, além de ter contato próximo com ela, também tem contato com os familiares, e acabam fazendo parte da rotina um do outro, algo que pode gerar sentimentos de afeto entre todos os envolvidos na doença e no tratamento.

Sendo assim, é de suma importância que haja um tratamento que integre as três vertentes (paciente, família e equipe), para que seja possível trabalhar as demandas que cada um apresenta, visto que a criança, quando tem suas demandas entendidas e atendidas, consegue lidar melhor com a doença, os familiares conseguem entender a situação e não deixar que as angústias e medos atrapalhem no tratamento da criança. Em relação à equipe, o processo psicológico para elaborar as demandas da mesma, é para que consigam entender os sentimentos que a situação de estar tratando uma criança com câncer, fazendo parte de sua rotina, pode lhe afetar, fazendo com que possam trabalhar de forma mais eficaz.

Referências Bibliográficas

ALCÂNTARA, Tainara V. de et al. Intervenções psicológicas na sala de espera: estratégias no contexto da Oncologia Pediátrica. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 103-119, dez. 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516085820130002000008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 24 Mar. 2019.

BENTO, A. Como fazer uma revisão da literatura: Considerações teóricas e práticas. **Revista JA** (Associação Acadêmica da Universidade da Madeira), n. 65, p. 42-44, 2012. Disponível em: <http://www3.uma.pt/bento/Repositorio/Revisaodaliteratura.pdf> Acesso em: 22 Nov 2019.

BOAVENTURA, Camila T.; ARAÚJO, Tereza C. C. F. de. Estresse pós-traumático da criança sobrevivente de câncer e sua percepção acerca da experiência parental. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 17, n. 2, p. 283-290, Ago. 2012. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2012000200012&lng=en&nrm=iso. Acesso em 20 Mai. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA). **Câncer. O que é o Câncer**. Rio de Janeiro (RJ): INCA; 2018. Disponível em http://www1.inca.gov.br/conteudo_view.asp?Id=322 Acesso em 27 Fev. 2019.

CAIRES, Susana et al. Recidiva Oncológica: Olhares dos Profissionais Hospitalares sobre as Dificuldades do Paciente Pediátrico. **Psico-USF**, Campinas, v. 23, n. 2, p. 333-345, Junho 2018. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712018000200333&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Mai. 2019.

CAPRINI, Fernanda R.; MOTTA, Alessandra B.. Câncer infantil: uma análise do impacto do diagnóstico. **Psicol. teor. prat.** São Paulo, v. 19, n. 2, p. 164-176, ago. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151636872017000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 Mai. 2019.

CARDOSO, Flávia T.. Câncer infantil: aspectos emocionais e atuação do psicólogo. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 25-52, jun. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582007000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 08 Out. 2018.

DE CASTRO, Ewerton H. B.. A experiência do câncer infantil: repercussões familiares, pessoais e sociais. **Rev. Mal-Estar Subj.**, Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 971-994, set. 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151861482010000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

DOMINGUES, Glaucia R. et al. A atuação do psicólogo no tratamento de pacientes terminais e seus familiares. **Psicol. hosp.** (São Paulo), São Paulo, v. 11, n. 1, p. 02-24, jan. 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167774092013000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 Mar. 2019.

FROELICH, Tatiane C.. Psico-oncologia e terminalidade: casos em que o paciente é uma criança. **Jornada de Pesquisa em Psicologia**, 2011.

GUIMARAES, Tathiane B.; ARAUJO, Tereza C. C. F. de. Intervenção psicoeducativa com uso de jogos eletrônicos: um estudo com familiares de pacientes oncológicos. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 106-122, dez. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151608582014000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

GURGEL, L. A., A. M. V. (2013) Atuação psicológica na assistência à criança com câncer: da prevenção aos cuidados paliativos. **Revista de Psicologia**, 4(1), 83-96.

HOSTERT, Paula C. da C. P.; MOTTA, Alessandra B.; ENUMO, Sônia R. F.. Coping da hospitalização em crianças com câncer: a importância da classe hospitalar. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas, v. 32, n.4, p.627-639, Dec. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2015000400627&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 Out. 2018.

MENSORIO, Marinna S.; KOHLSDORF, Marina; COSTA JUNIOR, Áderson L. Cuidadores de crianças e adolescentes com leucemia: análise de estratégias de enfrentamento. **Psicol. rev. (Belo Horizonte)**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 158-176, abr. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S16771168200900100010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

NASCIMENTO, Bruna R.; LEÃO-MACHADO, Franciele C.. A atuação do psicólogo na área da psico-oncologia pediátrica: uma revisão sistematizada. **Revista.uningá.review**, [S.l.], v. 32, n. 1, p. 1 - 11, out. 2017. ISSN 2178-2571. Disponível em: <<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/54>>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

PAZZINATTO, Marielem; PIAZZA, Tatiane; AMBROS, Suraia E.. O câncer infantil sob vários olhares. **Extramuros - Revista de Extensão da Univasf**, 2014; 2 (2):102-18. Disponível em: <<http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/viewFile/399/225>>. Acesso em: 20 Mai. 2019.

SANTOS, Ana F. dos; SANTOS, Manoel A. dos. Estresse e Burnout no Trabalho em Oncologia Pediátrica: Revisão Integrativa da Literatura. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 437-456, June 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932015000200437&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 21 Nov. 2018.

SILVA SANTOS, Renato C.; YAMAMOTO, Yuri M.; GRIZOTTO CUSTÓDIO, Lucas M.. "Aspectos Teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório". **Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos**. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/>> Acesso em: 26 Nov. 2018.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar: o mapa da doença**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=zNYIWAP_ig8C&printsec=frontcover&dq=i+isbn:857396345X&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwja5bSv2YHeAhUCi5AKHeiqAXMQ6AEIKDAA#v=onepage&q&f=false Acesso em: 08 Out. 2018.